

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Chris Marker – A Memória Das Imagens
8 de Novembro de 2024

DESCRIPTION D'UN COMBAT / 1961

Um filme de Chris Marker

Realização e Argumento: Chris Marker / Direcção de Fotografia: Ghislain Cloquet /
Som: Pierre Fatosme / Montagem: Eva Zora.

Produção: SOPAC – Van Leer Productions / Cópia digital (DCP), colorida, versão com
voz off em francês, legendada eletronicamente em português / Duração: 60 minutos /
Inédito comercialmente em Portugal.

- *Porque vieste para Israel?*
- *Para esquecer*
- *Esquecer o quê?*
- *Já esqueci*

- da voz “off” do filme

O tema é polarizador, por isso mesmo convém não entrar nele como para uma sessão de
prós e contras. Há outras maneiras de ver os filmes, como aliás há outras maneiras de
ver qualquer assunto, se se vem com essa predisposição mais vale dar meia volta. Lá
fora, o mundo oferece incontáveis formas de satisfazer o desejo de entretenimento
extremado.

É preciso começar por lembrar, e isto já não é tão preambular como o parágrafo
precedente, que em 1960 Israel – a ideia e o facto de Israel – não representava na
comunidade internacional o que representa hoje. Escassa dezena de anos depois da sua
fundação como Estado moderno, mera dezena e meia de anos depois do fim da II
Guerra, o que Israel representava ainda era suficientemente atraente para a esquerda
intelectual europeia a que Chris Marker pertencia: uma realização do anti-colonialismo,
uma reparação da maior calamidade da II Guerra, e até (como bem se vê na sequência
do “kibbutz” de **Description d'un Combat**) uma hipótese de concretização de uma
sociedade “socialista”. Mas “on ne sait jamais ce qu'on filme”, como Marker gostava de
dizer, e às vezes são precisos muitos anos para se perceber o que se filmou. Menos de
dez anos depois – e a seguir a 1967, à Guerra dos Seis Dias e à Naksa (a primeira
grande deslocação, forçada e em massa, do povo da Palestina), este estado de graça
estava extinto, e as possibilidades utópicas de Israel seriamente feridas para gente como
o próprio Marker, que passou a desautorizar a circulação de **Description d'un Combat**,
filme onde tinha deixado de se reconhecer, ou que tinha deixado de reconhecer.
Politicamente inconsciente é coisa que Marker nunca foi.

É até falso que, como às vezes se lê, **Description d'un Combat** ignore o povo árabe da Palestina – ainda não são “os palestinianos”, a voz off tende a designá-los por “os árabes”, talvez porque, hipótese ou suposição, a ideia de um “povo palestiniano” ainda não estivesse solidificada, e mais uma vez fosse preciso esperar pelo final da década de 1960 para que a noção de uma *nacionalidade* palestiniana ganhasse outra consistência. Mas há belos planos, e sequências inteiras, que lhe são inteiramente dedicadas, e ouvesse a voz off dizer que “o espinho na carne de Israel” é “o golfo entre a comunidade judaica e a comunidade árabe” (o que é diferente de dizer, como às vezes encontramos dito que o filme diz, que a “comunidade árabe” é o “espinho” – mas isto também pode vir das versões diferentes do texto em off, porque há umas com o texto dito em hebraico, outras em inglês, e outra em francês, como a que vamos ver, e é lícito supor que o texto ganhe ou perca nuances conforme a língua e a tradução).

Filmado em 1960, **Description d'un Combat** é um filme daquele momento e com um olhar retrospectivo, história de um país que nasce em circunstâncias peculiares e com responsabilidades particulares. Esta ideia nunca abandona o filme de Marker, está desde logo na inicial “descrição do combate” que Israel tem em mãos: estar à altura, na vitória, daquilo que foi a sua glória no tempo da opressão. Frase que pode ter muitas interpretações, mas que talvez sejam subsumíveis numa proposição simples: que o combate de Israel consiste em resistir à traição do apelativo idealismo do seu nascimento. Marker não sabe o que se vai passar no futuro, num país com apenas dez anos de existência, e não se põe a fazer futurologia, pelo contrário – **Description d'un Combat** é um filme onde o facto não se sobrepõe nem à dúvida nem à incerteza. Talvez a mais forte das incertezas surge bem expressa: poderá Israel dar-se ao luxo de ser, como todas as outras nações, “injusto”, quando se trata de um país onde a injustiça “pesa mais do que nos outros” por ser ele próprio um país nascido de “um resgate da injustiça?”. Estamos em 2024, temos sobre o filme uma (des)vantagem retrospectiva que seria de bom senso reconhecer; mas seria igualmente sensato reconhecer que o filme sinaliza o que não sabe e o que não pode saber.

E que, de certa forma, é um filme enviado para o futuro, e porque não exactamente para nós que estamos em 2024, um ano depois de Outubro de 2023. É um filme que, como diz a voz off, coleciona “sinais”, “signos” (um pouco à maneira dos futuros filmes de viagens de Marker, como o mais célebre deles, o **Sans Soleil**), e um dos primeiros “signos” colecionados é a imagem, no deserto, da carcaça do que parece ter sido um veículo militar – “signo” poderoso, “signo” nada inocente. A mais elementar justiça a fazer ao filme de Marker é que ele não nos diz o que fazer com esta colecção de “signos”. Esse é trabalho nosso, na nossa liberdade de espectadores. Novembro de 2024 é uma altura tão boa ou tão má como outra qualquer para esse trabalho.

Luís Miguel Oliveira